ANO 32.º — Sábado, 25 de Novembro de 1939 — N.º 1604

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

A Pequena Imprensa e os seus serviços

Como em quási tôdas as actividades do nosso país, a pequena imprensa constitue a parte mais numerosa do jornalismo; simplesmente os que servem para êsses jornais, os que os fundam, os que os dirigem, não são, nem poderão ser nunca, profissionais da imprensa, e os próprios tipógrafos talvez não venham a ser reconhecidos como trabalhadores de imprensa, desde que trabalham em obra tipográfica diversa da dos jornais.

Há dias dizia-nos um jornalista, que é também correspondente de jornais, que tôda a imprensa da província é servida por indivíduos que não podem ser considerados profissionais, porque não vivem dos proventos que a imprensa dá; é nêstes momentos que nós, reconhecendo a nossa grande benemerência, avaliamos como somos infinitamente pequenos para merecermos sermos contados como vivos. De facto é a nossa dedicação que mantém os jornais; dentro das suas pequenas fôrças, os que sendo rabiscadores nunca se supuzeram jornalistas, assumem o encargo de escrever, dentro do dia, da semana ou do mês; têm de estudar os assuntos, têm de os averiguar, têm de estar em dia com a cultura geral, têm de estar numa política, têm de defender uma religião, prestigiar a Pátria, defender por tôdas as formas a família; obreiros da paz, pioneiros da civilização, não têm categoria de jornalistas, porque não têm salário; e como só o trabalho que é pago, é trabalho digno de protecção, não podemos que se vença o egoïsmo da categoria, tanto mais pernicioso que o egoïsmo individual ou o egoïsmo colectivo, porque todos três constituem doença.

No entanto a Rèpública Corporativa tem sôbre os seus ombros êste formidável pêso morto, porque implica com uma das maiores fôrças que é a resultante da pequena imprensa. Os jornais com vida difícil, como quási tôda a pequena imprensa, que vive a defender uma causa boa, e causa boa é a que defende a Pátria, a religião e a família, nenessitam de um amparo corporativo, em que o estado seja pai. Os seus orientadores não podem ser considerados jornalistas, logo devem ser considerados membros do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Imprensa; mas àlém dos que sendo, de facto jornalistas, por egoïsmo de categoria não possam ser classificados àlém de rabiscadores, qual vem a ser a sua situação adentro da ordem corporativa, se se lhe não pode exigir pága, se êles também a não têm?

Consideramos difícil a solução do assunto, mas ela deve encontrar-se. Desde sempre, o país deve à sua pequena imprensa serviços inestimáveis, e para a manter é necessário ter sempre em actividade uma oficina tipográfica, cujos servidores têm necessidade de pão; os escritos, com maior ou menor dificuldade, vão aparecendo, e de graça; o custo das assinaturas, os seus anúncios, dão para a oficina, para os encargos da luz, do papel e das tintas, e quantas e quantas vezes, não vem a ajuda de um benemérito garantir o pão daquêles que estão em risco de ficar sem trabalho? De tôdas estas coisas o Estado vê receita em décima indústrial, às vezes tão quantiosa que as mata, mas nunca nos constou que a ajuda do Estado se tivesse visto.

Há jornais de provincia cuja vida dura tanto como as rosas de Malherbe; é tôda aquela que sem uma finalidade forte, tenta destruir, porque os que os dirigem, em vez de usarem de canetas, servem-se de camartelos. Mas há também centenas de jornais do maior patriotismo inspirado na defeza da área em que pontificam e que pode ir mesmo a uma parte do país; são os que defendem uma doutrina, os que querem a sua eficácia, os que apontam os exemplos. Estes jornais radicam-se no espírito público, e por maiores que sejam as barreiras que se lhe levantem êles contornam-nas tão bem, como contornam o cilindro rotativo em que são impressos.

E depois nas províncias os homens que dirigem ou escrevem em jornais são tanto mais respeitados quanto a sua doutrina se ajusta à sua moral; quando a moral não se pode apresentar, o povo trata-os como tartufos e os seus jornais morrem da maromba que a má moral origina. Mas, por tôdas essas terras pequenas da província, quantos e quantos jornais contam no número dos seus fundadores homens de uma moral tão forte que não cai ante o mais diabólico ataque?

Os Congressos da pequena imprensa têm vastos assuntos a tratar, e são, por isso mesmo, indispensáveis; há quem alvitre congressos de longe em longe; nós alvitrariamos congressos anuais, com pequenos programas, capazes de ser resolvidos em poucos dias, porque nos não devemos esquecer que os que mais têm de discutir, vão com o cérebro cheio de bôas ideias e com as algibeiras vasias. A cooperação entre o Estado e os jornais; a situação dos trabalhadores dêsses jornais, são programas formidáveis incapazes de poderem ser resólvidos de uma só vez. Mas os que se arrogam de orientadores, que se não esqueçam de os pôr em primeiro plano. Depois virão outros também muito interessantes.

A. XAVIER DA FONSECA

Este artigo é do *Diário de Coimbra*. Mas como tantos outros que se têm escrito e publicado não nos parece que seja capaz de despertar as consciências adormecidas...

E para o quê se verá.

Efemérides

25 de Novembro

1640 — Morre Dória, libertador de Génova.

1824 — Chega ao Rio de Janeiro a notícia duma revolução republicana em Pernambuco e Ceará, sufocada em pouco espaço de tempo.

1843 — Nasce na Povoa de Varzim o notável escritor Eça de Queiroz.

Transcrições

—o—

Vários colegas têm acompanhado os nossos clamores contra os que abusivamente nos exploram, invocando a guerra como o único motivo dêsses abusos.

Agradecemos a sua solidariedade.

ASSEMBLEIA NACIONAL

—o—

Iniciam-se hoje, pelas 15 horas, em Lisboa, os trabalhos da segunda sessão legislativa, reunindo, também, a Câmara Corporativa à mesma hora.

Quem vencerá?

Ainda não acabou o julgamento que se está realizando em Lisboa da acção de paternidade ilegitima instaurada pelo capitão Joaquim Camacho, no sentido de ser reconhecido filho do dr. Brito Camacho, director, que foi, da *Lucta*.

Porque nos tem interessado o pleito, aguardamos que a Verdade triunfe em tôda a sua plenitude para honra e prestigio da própria Justiça.

O "ANGELUS„

—o—

Ei-los irmanados — os dois badalos — o cá de cima com o lá de baixo. Não foi sem tempo. Batem agora certos. E como assim é que nós gostavamos de os vêr, isto é, de os ouvir, sempre à margem de quaisquer divergências, aqui estamos a fazer votos pela sua difinitiva *ónião* a bem da igreja católica, apostólica, romana.

Sensacional!...

Diz o *padre veneno* que está agora a escrever um livro «muito engraçado» com êste título sugestivo — *O Elogio da Falta de Vergonha*.

Para estes assuntos ninguém mais competente do que êle. E também o *mestre*. Por se conhecerem às mil maravilhas...

Ora!... Ora!...

—o—

Sôbre a industrialisação da Farmácia pela preferência dada ás especialidades aventa-se para aí, em jornais da classe, a necessidade da criação dum Instituto de Investigações, dum Conselho Técnico e ainda duma Instância de Recurso — para o não chegas!

Como se fosse a falta disso a resultante do mal que tanto aflige a classe e que levou um velho de 79 anos com 56 de profissão a dirigir ao Grémio dos Proprietários de Farmácia o seu protesto contra o que se está passando e tanto afecta os interesses dos que dela vivem exclusivamente, por não possuirem outros recursos.

Esta gente, se calhar, julga que todos são... da Lourinhã!...

IMPRENSA

«REVISTA DOS CENTENÁRIOS»

Recebemos o n.º 10 com excelente colaboração e interessantes gravuras, entre as quais algumas que mostram o estado actual das obras da Exposição do Mundo Português, uma vista admirável da abside e das torres da Sé de Braga e mais dois trechos do Castelo de Almourol e do dos Templários, de Tomar, impondo-se tudo pela arte como foi focado.

A *Revista dos Centenários*, não descurando a propaganda dos mesmos, è também um valioso arquivo de coisas antigas e que dizem respeito à nossa història.

Os "rendilhados"

—o—

Por ordem dos Serviços Municipalisados da Electricidade começaram esta semana a ser limpos os globos dos candieiros da iluminação pública que disso se achavam necessitados.

A limpeza Deus a amou...

Êste número foi visado pela Censura

E' muito!

A classe farmacêutica está presentemente atravessando uma crise grande, uma crise das maiores por que tem passado. Publicou-se um decreto logo no princípio da guerra que lhe proibe a alteração dos preços das especialidades e para o dos manipulados existe um Regimento que igualmente impede as farmácias de irem além do estabelecido. Pois acontece que os droguistas não só chamaram a si quási tôda a percentagem que davam nas especialidades, como estão facturando pelo preço que entendem, todos os outros produtos que lhes vendem, cerceando-lhes, assim, extraordinàriamente os interêsses.

E é numa ocasião destas que se obrigam os farmacêuticos a pagar para o Sindicato, a inscreverem-se no Grémio dos Proprietários de Farmácia, a adquirir uma *carteira profissional*, a entrarem para a *Ordem dos Farmacêuticos*, fora o resto que porventura se lembrem de inventar e de que só resultam encargos de certo modo pesados.

Não serão estas exigências demasiadas?

Soldados do Fogo

Festejando na próxima quinta-feira o 31.º aniversário da sua fundação, a Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes está a elaborar o respectivo programa do qual fará parte uma sessão solene comemorativa, devendo usarem da palavra vários oradores, entre os quais o sr. dr. Luís Regala, presidente da Assembleia Geral.

Será inaugurado, nessa altura, o retrato do nosso presado amigo dr. António Nascimento Leitão, coronel-médico, residente na capital, e proceder-se-há ao baptismo de uma moto-bomba oferecida por aquêle ilustre aveirense e da qual será madrinha sua esposa, a sr.ª D. Orminda Leitão.

O Democrata antecipadamente dirige as suas saüdações à benemérita Companhia que, para assistir ás comemorações do seu anivèrsário, vai convidar as entidades oficiais, agremiações, etc.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

Cartas a uma amiga de longe

Novembro, 1939.

Amiguinha querida:

A propósito duma notícia que há dias vinha no jornal — que a Espanha ia formar um batalhão de paraquedistas — dizia-me uma amiga que isso em Portugal seria impossível, pelo nosso soldado ser, na sua maioria, um bronco campónio que muitas vezes não sabe qual é a sua mão direita e recear ainda nêste tempo as «almas do outro mundo». Procurei convencer essa minha amiga da bravura — muitas vezes irreflectida, é certo — do nosso homem do campo, do seu poder de adaptação ao que quer que seja, da facilidade com que se faz entender quando fala com um estrangeiro, etc. Eu já vi um homenzinho que falava apenas o português e mal, conversar com um chinês que desconhecia por completo a nossa língua. Intrigada com aquêle tête-à-tete *que eu, por mais esforços que fizesse, não poderia manter, fui procurar o homem e, não receando ser indiscreta, preguntei-lhe o que o chinês tinha estado a dizer. Com o ar mais natural do mundo disse-me que o oriental lhe tinha estado a falar da mulher e da sua prole numerosa, das saüdades que tinha da China, da dificuldade com que ganhava o pão de cada dia. E como eu, espantada, lhe mostrasse a admiração que essa conversa me havia provocado, o homem respondeu-me orgulhoso:*

— Cá um home comprende o qu' outro diz.

Há dias também, veio aqui, a minha casa, um aldeão, o prototipo do camponês bronco, pedir uma carta de apresentação para um sujeito nosso conhecido, pois tinha que ir a Coimbra ver o que era feito do «conversado da sua cachopa» que estava a fazer o serviço militar no quartel de metralhadoras. Ora êste homenzinho nunca tinha aventurado as suas excursões se não a Aveiro, cidade que a sua imaginação tacanha supunha ser a capital do mundo, tão linda e tão grande a achava. Dissemos-lhe apenas o que eram e para que serviam os eléctricos e em qual se devia meter, no caso de precisar. Achou difícil a palavra «Universidade», mas nem por sombras se atrapalhou. Arranjou imediatamente uma mneumónica e nunca mais se esqueceu dela.

E lá foi, levando consigo apenas a carta bem escondida no bolso, o nome do eléctrico que devia tomar e tôda a sua ignorância. Quando ao fim da tarde chegou, alegre, bem disposto, talvez já com um «grãozinho na asa», contou que tudo tinha corrido às mil maravilhas e não tinha sido necessário preguntar nada a ninguém, se não ao «senhor guarda» onde ficava o «cortel». E ao ver o desembaraço do campónio, analfabeto e conhecendo do mundo a sua aldeia e pouco mais, lembrei-me da ida a Coimbra de uma rapariga minha conhecida que, por motivo de fôrça maior, teve de ir só. Foi a família inteira acompanhá-la à estação, onde se trocaram sentidos e intermináveis abraços e onde, suponho, se verteram lágrimas, a-pesar-da rapariga voltar no comboio da tarde. E a menina lá partira, levando consigo tôda a sua sabedoria de intelectual e a certeza de que, quando chegasse, tinha uma pessoa conhecida à espera dela. Não obstante tudo isto, foi todo o caminho nervosa, preguntando a todo o momento ao revisor se «já era Coimbra» e quando, finalmente, chegou à estação da Lusa Atenas, desata numa choradeira horrível por não ver logo a pessoa que a devia esperar...

. . . .

Minha querida amiga: se fôsse preciso arranjar cá em Portugal um batalhão de paraquedistas e êste fôsse preenchido, apenas, por campónios broncos, podes ter a certeza absoluta de que, de hoje para amanhã, verias o céu repleto de pára-quedas, sem ser preciso grande trabalho. Se, pelo contrário, a pátria precisasse de formar um batalhão de paraquedistas, preenchido exclusivamente por raparigas intelectuais, seria necessário que viessem técnicos de tôda a parte e no fim dum trabalho exaustivo... Tenho cá as minhas dúvidas se verias algum pára-quedas no ar...

E, amiguinha, distante, és também da minha opinião, não é assim?

Um grande abraço da

Zémi

Camões e o seu Poema

O nosso poema nacional, criação gigantesca do principe dos poetas portugueses de todos os tempos, tem levantado à sua volta divergências de opinião na maneira de interpretar certas passagens de alguns dos seus versos.

E assim já muitos são os camoneanos que se têm preocupado com estudos de diversas espécies, que vão esbarrar quási sempre, com opiniões opostas, de outros estudiosos.

Será porque a obra em questão se apresente algo confusa em ditermínados pontos, ou porque o autor se preocupasse mais com a harmonia do conjunto do que com simples pormenores de momento?

Seja pelo que fôr, essas divergências aparecem a cada passo.

Ainda há pouco o sr. dr. Atilio Rêgo Martins, ilustre professor do Liceu de Vizeu, publicou, em edição particular, um opúsculo interessante, onde, com dados flagrantes, vai de encontro às opiniões do sr. dr. Afrânio Peixoto, na maneira de interpretar a estancia 132, do Conto III.

O sr. dr. Atilio, que ao estudo dos *Lusíadas* tem dispensado todo o seu esfôrço e tenacidade, tendo já publicado vários trabalhos, mostra-nos duma maneira clara e precisa, que a tese que defende é a que deve ser tomada como a melhor interpretação dêste canto, a que chama «o mais lindo dos *Lusíadas*».

Quem lêr êste estudo e apreciar detalhadamente tôdas as suas passagens, não terá dúvidas àcerca da opinião do autor, que diz que a sua «argumentação é verdadeira».

Já o distinto advogado de Aveiro, dr. André dos Reis, num trabalho que publicou na revista *Labôr*, sôbre a mesma instancia, discordava da opinião do dr. Afrânio Peixoto, não admitindo que *obras* fôsse interpretada por *seios*.

Dr. Atilio Rêgo interpreta como sen-

O Barrocão recomenda-se aos neuras...

do *obras*, os cabelos, as faces, a bôca e os olhos da formosa Inês.

Numa outra passagem do referido canto *as brancas flôres*, diz o autor, que não podem representar as faces, mas sim os *seios* de D. Inês que fôram salpicados com o sangue dos seus golpes e regados com as suas lágrimas.

Se até agora as opiniões do sr. dr. Afrânio Peixoto é que tem prevalecido, daqui para o futuro as do sr. dr. Atilio Rêgo é que devem ocupar êsse logar de honra, porque são, sem dúvida, as mais verdadeiras.

Foi mais um estudo importante sôbre o poêma de Camões, que a todos os portugueses facilitara na análise precisa do seu verdadeiro significado.

Quantos portugueses têm lido êsse poêma imortal, sem terem atingido o pensamento de Camões ?

Se não fôrem os estudos abalisados de tantos camoneanos, que a esta causa não deixam de prestar a devida atenção, ficaremos sempre a ignorar o que de belo tem o nosso poema nacional, e quem foi Camões, o único discípulo de Vergilio e Homero e único mestre de quantos lhe sucederem.

Viseu, 1939.

ANTONIO TUDELA

Mocidade Portuguesa

Organizado pelo Centro Escolar n.º 2, do Liceu de José Estêvão, realizou-se, no sábado passado, um passeio, em que tomaram parte todos os filiados do mesmo Centro.

Mal rompia o sol, começaram a concentrar-se no Liceu, donde sairam, pelas 9 horas, seguindo pela Avenida, Esgueira, indo acampar nuns pinhais próximos.

Foi ao som do hino da M. P. que se entrou no campo, transparecendo a alegria no rôsto de todos os rapazes.

Num instante espalharam-se pelo vasto pinhal, entregando-se aos mais variados divertimentos, desde o *volley-ball* até ao eixo.

Cêrca das 10 horas reüniram-se todos numa baixa de terreno para ouvirem uma pequena prelecção sôbre os fins da M. P., feita pelo professor de Educação Moral e Cívica do Liceu, reverendo Raúl Mira.

Em seguida, o Director do Centro, dr. Gomes Bento, procedeu à leitura e comentário das fôlhas de doutrina e um grupo de filiados executou vários exercícios de ginástica, sob a direcção do professor de Educação Física do Liceu, dr. Carvalho.

Pouco depois das 11 horas, cantaram a uma e a duas vozes *A Portuguesa* e o Hino da M. P., sob a regência do professor de canto do Liceu, sr. padre António Estêvão.

Já perto do meio dia, começaram os preparativos do regresso.

Tanto na ida como na vinda, afluiram muitas pessôas às janelas e embocaduras das ruas, admirando todos o aprumo e o garbo com que os nossos jóvens marchavam.

Pena é que os rapazes da M. P. não possam apresentar-se todos fardados, pois o efeito da marcha seria muito mais surpreendente.

Estão projectados outros passeios a diferentes locais, nos subúrbios da cidade, de que os filiados hão-de tirar muito proveito, não apenas pelo vigôr que as marchas dão ao corpo, mas ainda pelos momentos felizes de boa camaradagem que se vivem num ambiente impregnado de ar puro, longe do bulício da cidade.

X

ACHADÓ

O empregado da Câmara, Alfredo Martins de Sá, tem em seu poder um porta moedas, com dinheiro, que encontrou e deseja entregar a quem provar pertencer-lhe.

E' um louvável procedimento.

Carta de Lisboa

23 de Novembro de 1939

Propaganda nacional

Constituiu um acontecimento com fóros de acontecimento nacional a inauguração, em Vilar Formoso, do primeiro pôsto fronteiriço de propaganda turística, magnífica e patriótica iniciativa do S. P. N.

Na pequena, mas simpática festa, que se realizou para celebrar tão notável facto, o director do S. P. N., António Ferro, a quem o país fica devendo mais êste serviço de inestimável valor, deu as razões de tal melhoramento, afirmando no brilhante discurso que pronunciou :

«Nós atravessamos uma hora de ressurgimento em que se deve fazer sempre mais e melhor. Se Portugal nobremente não tenta sequer, fazer negócios com esta nova grande guerra, não deve, porém, repelir algumas vantagens que a sua neutralidade lhe oferece. Entre estas, avulta, como primeira, a de estarmos sendo olhados por tôda a parte como uma zona de refúgio, de paz; como um verdadeiro óasis da Europa atormentada, devastada... Se consolidarmos essa impressão, se soubermos receber bem, logo no vestíbulo, os que nos baterem à porta, teremos realizado, aproveitando esta rara oportunidade, uma obra séria de turismo e uma obra indiscutível de boa propaganda nacional».

Assim, António Ferro poz em evidência o altíssimo valor da obra realizada, obra que não é senão o início do que se irá fazer nos vários pontos da fronteira portuguesa.

Lisboa progride

Esta pode ser, de facto, a divisa da nossa capital, no Estado Novo. Se àlém dos muitos melhoramentos de que Lisboa tem sido objecto ainda fosse necessária uma maior prova, ela aí estaria no empréstimo de 100 mil contos que o primeiro município do país acaba de contrair para fazer face a novos e instantes melhoramentos que, embora de há muito reclamados, só agora, no Govêno de Salazar, serão possíveis.

GIL DO SUL

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos ; àmanhã, o nosso amigo Jorge Marques, residente em Esgueira; no dia 27, o sr. Carlos de Pinho Guedes Pinto, consul do nosso país em Dakar (Africa Ocidental Francesa); em 28, a sr.ª D. Maria José Martins Mota, gentil filha da sr.ª D. Maria da Natividade Mota Ramos, e o sr. António dos Santos Neves, proprietário da Leitaria Chic; *em 29, a tricaninha Maria da Ascenção Campos Graça e o menino Victor, filhos, respectivamente, dos srs. Manuel Dilalma Graça e Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); em 30, o sr. Acurcio Maia de Albuquerque, professor oficial em Silveiro (Oiã) e o inocente Alberto Arménio, filho do sr. alferes Alberto Exposto, residente em Algés; e em 1 de Dezembro, as sr.as D. Urbilia Souto Ratola Amaral, professora na escola da Prêsa, e D. Maria Madalena Monteiro Rebocho de Albuquerque Silva e Cristo, esposas, respectivamente, dos srs. Fernando Amaral, 2.º sargento de Infantaria 10, e dr. António Cristo, advogado na comarca.*

Partidas e Chegadas

Veio de novo para Aveiro o sr. Gustavo Duarte Moreira, que até há pouco residiu na Farrapa (M. de Cambra).

—Tivemos o prazer de cumprimentar esta semana na cidade os nossos amigos Henrique Moreira, Virgílio de Oliveira e seu irmão o tenente de Marinha, sr. José de Sousa Oliveira, residentes no concelho de Anadia.

Doentes

Encontra-se gravemente enfêrmo o sr. António Salgueiro, genro do sr. Artur Trindade.

—Tem obtido ligeiras melhoras o académico Angelo Lima, irmão do sr. Jaime Martins Lima.

—Em Vagos tambem adoeceu a menina Maria Isolina Vidal, dilecta filha do nosso presado e velho amigo dr. António Lucio Vidal, notário naquela vila.

Desejamos a todos completo restabelecimento.

Secção Desportiva

Basket-Ball

Para abertura da época desta interessante modalidade, realiza-se àmanhã, no Campo do Parque, um sensacional encontro entre o *Sporting Club Vasco da Gama*, que do Pôrto se desloca a esta cidade, e o *Club dos Galitos*, campeão do nosso distrito.

O *Vasco da Gama* é um valoroso agrupamento, que pela primeira vez vem a Aveiro, a-fim-de retribuir a visita que os *Galitos*, há pouco, lhe fizeram.

Os aficionados do *basket* vão, pois, ter ensejo de apreciar um grupo de categoria, como é o *cinco* visitante, constituido por elementos que se impõem pela sua técnica, resistência física e longa prática em desafios de responsabilidade.

Os grupos alinharão com os seguintes jogadores:

Vasco da Gama—Lúcio, Rodrigues, Álvaro, Pinheiro, Nogueira e Domingos.

Galitos—Matos, Baldomero, Sousa, Fino, Corralo e Licinio.

A partida está marcada para as 16 horas, devendo antes defrontar-se o *Recreio M. Esgueirense* e as reservas dos *Galitos*.

Foot-Ball

O encontro entre o *Beira-Mar* e a *A. D. Ovarense*, para o campeonato do distrito, atraiu, domingo, ao Estádio Municipal, numerosa assistência, que dali saiu satisfeita com a correcção dos jogadores e com a exibição dos locais, que chegaram ao fim da partida a ganhar pelo elevado *score* de 6-1.

Depois do primeiro *off-time*, que terminou com o marcador em 2-0, as hostes vareiras desmoralizaram e foi com muito custo que, a meio da segunda-parte, conseguiram o ponto de honra.

Estamos convencidos de que a linha aveirense, tal qual se apresentou e com árbitros como o sr. Manuel Ramos, deve meter figura em futuras competições.

A EQUIPA DE «BASKET» DO S. C. VASCO DA GAMA

Trincheira dum crente

MOCIDADE PORTUGUESA

A «Mocidade Portuguesa», é das mais felizes organizações cívicas e patrióticas criadas pelo Estado Novo, para sublimar o idealismo político e nacional.

Não é para admirar, que fôsse feliz e óptimamente inspirada esta organização educadora e pedagógica.

Trata-se da juventude portuguesa, dos futuros homens, de espírito novo e varonil, que hão-de continuar a eternidade e as glórias da Pátria.

A mocidade é a esperança, o sonho, o desinterêsse, o ideal, o sangue ardente capaz de se bater por qualquer coisa da vida que seja grande, que seja generosa, que seja heroica — que transcenda e ultrapasse a própria vida e o conceito superior do próprio Homem.

E' subsidiàriamente uma organização militar. Leve e ligeiramente militar. O cariz militar serve sòmente para melhor formar e aprumar o físico e a moral. A disciplina militar tem inquestionavelmente êste mérito : disciplinando o físico, o aprumo exterior do indivíduo, torna mais firme e mais forte o caracter, forma melhor a pessoa.

O militar é o símbolo do dever. A farda implica mesmo o cumprimento do dever. O dever é a mais alta virtude a que se pode submeter o homem.

Servir bem, cumprir bem, segundo os ditames imperiosos do dever, a que consciência obriga, é a mais nobre afirmação do homem, que serve o comum, que se esquece de si para se lembrar que pertence aos outros, à colectividade, à nação, ao ideal.

* * *

Portanto, em hora feliz e bemfazeja se criou a «Mocidade Portuguesa», que irradiando por todo o país, também tem a sua sub-delegação em Aveiro, que é dirigida pelo sr. capitão Firmino da Silva, oficial do exército muito distinto e que se entregou, devotadamente, de alma e coração, ao serviço do florescimento e do prestígio de tão insinuante e simpático organismo patriótico, educador e desportivo.

Numa cruzada de patriotismo e de bem servir a Nação no seu idealismo, sem desfalecimentos, tem o sr. capitão Firmino da Silva desenvolvido uma actividade digna de apreço e de registo.

Tem apelado para as entidades oficiais, que muito compreensivamente têm correspondido com os seus donativos e agora vai solicitar o auxílio e a coadjuvação do comércio e da indústria e dos particulares da cidade e do distrito para que a missão da Mocidade Portuguesa em Aveiro seja com eficácia e prestígio inteiramente realizada.

A título de esclarecimento e propaganda, damos nota dos donativos já recebidos por aquela prestante instituïção e alguns dados da sua organização :

Câmara Municipal de Aveiro .	1.000$00
» » » Murtosa .	300$00
» » » Estarreja	200$00
» » » Ilhavo .	100$00
Governador Civil de Aveiro .	500$00
Da Junta Geral do Distrito. .	792$00
De Manuel Mónica (anual). .	200$00
Do Conde Dias Garcia . . .	800$00
Soma	3.892$00
De diversos particulares e dos Centros N.º 5-10 e 12 . .	1.311$00
Soma	5.203$00

No distrito de Aveiro teem existência oficial 12 centros de Instrução da M. P. com cêrca de 1.000 filiados, distribuidos pelo Liceu de Aveiro, Escolas Industriais de Aveiro, Agueda, Oliveira de Azemeis, Fábrica da Vista Alegre, Asilo Escola Distrital de Aveiro e Colégios de S. João da Madeira, Anadia, Murtosa, Oliveira de Azemeis, Ovar e Estarreja.

* * *

Depois há um acto muito simpático e muito aveirense, que a sub-delegação de Aveiro já iniciou, em parte realizou e que muito justamente pretende ultimar. O velho Asilo Escola Distrital desta cidade constitue o Centro n.º 9 da M. P.

Já fardou 45 internados do Asilo e projecta agora fardar os restantes que são cêrca de 40.

Para êsse fim vai a sub-delegação enviar circulares aos organismos e à população da cidade, solicitando donativos que permitam levar a cabo tão generosa manifestação de carinho pelos rapazes do Asilo, confiando que a cidade generosa, altruista e dedicada corresponda aos seus apêlos.

Está à porta a data libertadora do 1.º de Dezembro e a «Mocidade Portuguesa» de Aveiro vai também condignamente comemorá-la com um desfile garboso, com uma solene missa campal celebrada por essa nobre figura religiosa e de grande cidadão aveirense que é o sr. D. João de Lima Vidal e por uma sessão cívica portadora de estímulo, de fé, de ideal e de patriotismo, nos destinos imortais e gloriosos da grei e da Pátria.

Avante pela juventude nacional !

J. Carreira

Livros

«PORTUGAL MAIOR»

Recebemos do Secretariado da Propaganda Nacional o discurso proferido pelo sr. dr. Aguedo de Oliveira na sessão que se realizada em Lisboa por iniciativa da U. N. em 17 de Julho, data da chegada do Chefe do Estado a Lourenço Marques e que consideramos também digno de arquivo.

Os nossos agradecimentos.

«O ESTADO NOVO E A AGRICULTURA»

Da mesma proveniência igualmente recebemos outra edição com o título da epígrafe.

Este trabalho foi elaborado com elementos fornecidos pelo Ministério da Agricultura e coligidos pelo engenheiro agronomo Luiz Quartin Graça.

SINDICATO NACIONAL DOS TIPÓGRAFOS, LITÓGRAFOS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DO PORTO

Previnem-se os srs. industriais gráficos dêste distrito que tenham ao seu serviço 20 ou mais operários, os quais tenham 3, 6 ou mais anos de casa, para enviarem a êste Sindicato, até ao próximo dia 30 do corrente, uma nota com os nomes dos operários que já gozaram as férias pagas, estabelecidas pela Lei 1952.

Igual prevenção se faz aos operários que ainda não beneficiaram desta regalia durante o ano corrente, por lhe ter sido negada, para se dirigirem a êste Sindicato a-fim-de apresentarem as suas reclamações.

Pôrto, 20 de Nevembro de 1939.

Pela Direcção,

Diamantino Ferreira
Secretário

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Nótulas literárias...

«O Homem que tinha mêdo de morrer»
de **Ribeiro dos Santos** (Reporter 13)

Acaba mão amiga de me fazer chegar dois exemplares desta novela: um para mim, outra para *O Democrata*, ambos com amável dedicatória do seu autor.

Com facilidade de escrever, mesmo com boas qualidades de adaptação literária, Ribeiro dos Santos apresenta um trabalhinho bem orientado, dentro da especialidade, sem rabiscos escusados, sem inúteis cenas, perfeitamente conseqüente. As suas 30 páginas lêem-se dum fôlego.

Uma frase me atraiu a atenção, pelo que tem de actual e de profundo: ...*política e de desporto, coisas, hoje, ìntimamecte ligadas*. E' verdade. E muitas vezes nos irritamos contra o segundo por êle estar colocado ao serviço da primeira, com prejuizo manifesto do homem...

E' um trabalho do género *aventuras*, muito apreciado por certos meninos «cinéfilos» e por meninas que imitam as *estrêlas* de cinema...

E' isso o pior que encontrei, pois essa literatura, sôbre ser pouco edificante, imprime à alma um veneno que é artifício e afasta-nos, a quem não pode ou não sabe precaver-se, da realidade! Porém, tais defeitos gerais encontram-se aqui atenuados pelo *clima* heroico, revolucionário, viril, em que se desenvolve o entrecho: durante a guerra de Espanha. Esse ambiente perpassa aqui de fugida, mas tempera a obra e dá-lhe outro significado.

Há uma qualidade, expressa no pórtico da obra, que a recomenda e aconselha: foi escrita *para o povo anónimo*. E mais adeante: *foi para o povo, volto a repeti-lo, que escrevi*. Consola mesmo esta declaração, numa hora e num ambiente em que tudo, ainda o mais ignorante e o mais prejudicial, quere ser culto, erudito, superiormente catedrático, esquecendo as linhas caricaturais que se perfilam com certos «doutorismos» armados em mentores duma civilização de imbecis...

*

Bem apresentado, o trabalho ostenta uma capa adequada, devida ao pintor Hernani Tavares *(Seravat)*. O seu custo é de 1$50 e a edição é de Adérito G. Parente, R. Fernandes Tomaz, 844, Pôrto. O autor anuncia para breve *O Segrêdo do Charlatão*, que aguardo com curiosidade.

JORGE VERNEX.

Nesta secção, que ora se funda, far-se-á referência a todos os trabalhos de que recebamos 2 exemplares: um para o jornal, outro para o autor das críticas.

Despedida

Júlio Almeida Santos, oficial de Justiça, ao ser transferido, a seu pedido, para a 6.ª vara cível do Pôrto e sem tempo para se despedir de todos os amigos e pessoas com quem aqui se relacionou, fá-lo por êste meio, oferecendo-lhes os seus préstimos naquela cidade.

Aveiro, 22 de Novembro de 1939.

O «DIA DA MOCIDADE»

Acha-se designado o 1.º de Dezembro para a festa da Mocidade Portuguesa, que entre nós se propõe comemorar a data da Independência de Portugal com o seguinte programa:

A's 9,45—Içar da Bandeira Nacional perante os filiados em formatura.

A's 10 horas—Missa campal na Avenida do Parque, se o tempo permitir, por alma de todos os herois da independência pátria. Chovendo, a missa será resada no templo da Sé.

A's 11,30—Desfile de filiados de todos os Centros, infantes, vanguardistas e cadetes com banda de música da Ala e bandeiras, do Estádio Municipal ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde será prestada a continência à memória dos herois a quem devemos a satisfação de povo livre.

A's 15 horas—Sessão solene no Teatro Aveirense, reservada aos filiados da M. P., dirigentes, instrutores, com a assistência do elemento oficial. Nela se fará o juramento da passagem de escalão, acto simbólico da imposição de condecorações, distribuição de prémios e leitura da mensagem do Comissariado Nacional.

Necrologia

Mais uma vida que se extingue e que tanta falta faz! Referimo-nos a Américo Silva, a quem um sofrimento cardíaco, ùltimamente agravado, fez baquear, terça-feira de manhã, depois de esgotados os recursos da ciência.

Contava 54 anos, foi chefe da P. S. P. do distrito, de que se achava aposentado, e ùltimamente exercia as funções de ajudante da Tesouraria Judicial da comarca.

O seu entêrro, efectuado no dia seguinte para o cemitério novo, foi largamente concorrido, tendo-se nêle encorporado membros da família judicial, agentes da P. S. P., oficiais e sargentos do Exército e muitas outras pessôas que formavam um extenso cortejo.

Américo Silva, que tinha enviuvado há cinco anos, deixa seis filhos quási todos menores que muito devem sentir a sua falta. A todos, mas nomeadamente a Fernando Silva, escriturário da Direcção de Estradas do Distrito de Faro, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Joaquim Teixeira Piônio, casado, de 83 anos, natural de Vila Meã (Amarante); em *Mataduços*, Manuel Rodrigues da Paula, padeiro, de 36; na *Póvoa do Paço*, Manuel Rodrigues Barbosa Júnior, casado, de 77, e no *Bonsucesso*, Júlio da Silva, de 56, vitimado por uma hemorragia cerebral.

Definindo posições...

Aquela *mademoiselle*, aquela *miss* (ela, como sabem, gosta dos termos emprestados) que dá pelo chamadouro de Alsácia Fontes Machado, de espírito um pouco vermelhusco, e que pessoa de amizade me diz não ser má rapariga, escreveu para aí um longo arrasoado que pretendia justificar a *luta entre o passado e o presente* que eu lhe provei não existir. Pois a rapariguinha teima na sua... Enfim! *Teimar* é uma coisa; *provar* é outra. Valha-nos isso, ao menos...

Essa luta que lhe parece existir é um engano do seu espírito anuviado, minha senhora. Na realidade, os desencontros espirituais que hoje se verificam dão-se entre os que *vivem* o presente e preparam a continuïdade social para o futuro, e *certos* arrivistas, por êles próprios classificados de *avançados*, mas que, no fundo, se resumem na sobrevivência esporádica de mentalidades que o tempo ultrapassou há muito, visto não parar na sua marcha contínua... A Alsácia chamar-lhes-á avançados. Eu, porém, limito-me a retorcer os meus bigodes tanfarrões (eu tenho uns grandes bigodes) e, plàcidamente, a afirmar que êles são um restozinho maroto de certo veneno que já passou de moda...

No que se refere pròpriamente à *luta* entre o passado e o presente, quero preguntar à *escritora* (por si própria assim denominada) o que fará ela, fiel intérprete dessa luta, à sua Mãe ou a seu Pai? Esmagá-los-á?

Diga-me outra coisa: não nasceu V. Ex.ª como sua Mãe, como sua Avó, como sua Bisavó, etc., etc., e não morrerá como elas? Mostre-me a luta nos fenómenos vitais do Homem e da Sociedade, fora dos bisantinismos ideológicos, à luz da verdade e da consciência e diga: há alguma luta?

Um amigo do Pôrto disse-me que a Alsácia *era boa rapariga, mas que precisava de macho que a orientasse!* Talvez a êle lhe assista alguma razão. Contudo, dou-lhe um conselho minha senhora:

— Coloque-se no seu campo exclusivo de mulher, estude o mundo, analise friamente e... verá como o mundo a ensina!

◇

Falemos doutra coisa.

Os males de que sofre hoje o mundo inteiro são devidos quási todos à falta de mulheres femininas. Onde estão as que sabem sê-lo? O homem tem de ser Homem; à mulher basta-lhe ser o que lhe apetece! A frivolidade da fêmea exaltada conduz o mundo em orgias dantescas!

◇

Imprensa — Tu és o Espírito; mas o Espírito depende agora da matéria. O clarão das tuas centelhas principia a fugir. A vida pouco tardará a ser escurenteza, apenas...

JORGE VERNEX

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

EDITAL

Doutor Lourenço Simões Peixinho, presidente da Câmara Municipal de Aveiro

Pelo presente são convidados todos os caçadores dêste concelho, no pleno uso dos seus direitos, a reünirem-se pelas 10 horas do 1.º domingo do próximo mês de Dezembro, dia 3, na Sala das Sessões desta Câmara, a-fim de procederem à eleição dos seus representantes na Comissão Venatória Concelhia durante o triénio 1940-1942.

Se, por falta de número legal esta eleição se não puder realizar naquele dia, ficam desde já convidados os mesmos senhores caçadores a reünirem-se no domingo imediato, 10, no mesmo local e à mesma hora, realizando-se então a eleição com qualquer número de eleitores.

E para constar mandei passar êste e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume.

E eu, Cipriano António Ferreira Neto, chefe da Secretaria, que o subscrevi.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 23 de Novembro de 1939.

Lourenço Simões Peixinho

Atenção para a 4.ª página

Correspondências

Verdemilho, 22

Não podendo resistir ao sofrimento que durante três dias o apoquentou, sucumbiu na sexta-feira da semana passada, depois de lhe sobrevir uma hemorragia cerebral, o sr. Amândio Ribeiro da Rocha, proprietário duma padaria no próximo lugar de Bonsucesso.

A sua morte foi bastante sentida, devido à nobreza dos seus sentimentos, afabilidade do seu trato e inteireza de carácter, deixando, por isso, às pessôas que com êle privavam, uma saüdade tão profunda que dificilmente se desvanecerá.

O seu cadáver foi sepultado no cemitério do Outeirinho, aonde o acompanharam numerosas pessôas, entre as quais o sr. Manuel Silva, professor oficial, que conduzia a chave da urna.

Amândio Rocha contava 67 anos, era casado, sogro do professor sr. Manuel Estudante e avô da esposa do sr. Elmano Cordeiro da Silva, factor dos caminhos de ferro nessa cidade.

A tôda a família apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

—O sr. João Neves acaba de adquirir mais um automóvel com linhas modernas para assim poder satisfazer as exigências do público.

Não foi bafejado por um concurso que aí andou, mas em compensação adquiriu o automóvel dos seus sonhos...

—Da revista regional — *Môlho de Escabeche* — que em breve subirá à cêna nessa cidade, figura, como elemento principal, o nosso conterrâneo Abel Costa, que tem feito parte, como amador de nomeada, dos principais grupos que aí se formaram, evidenciando-se nos papeis que lhe eram confiados.

Com a sua entrada no *Grupo Cénico do Club dos Galitos* vai, decerto, reviver, com profunda saüdade, as inolvidáveis noites de glória que ajudou a conquistar, motivo por que ansiòsamente aguardamos a *première* para, de novo, o aplaudirmos. Nós e todos os verdemilhenses que lhe apreciam a *verbe*, o seu bom humor e as suas rasgadas iniciativas.

Ou êle não fôsse da velha guarda...

C.

N. da R. — *O Democrata*, envia também à família de Amândio Rocha, republicano do tempo da monarquia, o seu cartão de pêsames.

Eixo, 20

Faleceu com 75 anos de idade a sr.ª Joaquina Vieira, do lugar de Horta, proprietária e casada com o sr. João Maria Lopes.

— Realizaram o seu casamento Albérico Rodrigues de Almeida, da freguesia de Alquerubim, e Rosa Fernandes Lopes. Serviram de padrinhos os srs. Alexandre Fernandes e José Fernandes Lopes, comerciantes em Lisboa, respectivamente primo e irmão da noiva.

— Acompanhados da sua professora, sr.ª D. Gabriela de Melo, vieram aqui realizar uma récita infantil as crianças das escolas oficiais de Aguada de Baixo as quais, com grande mestria, se desempenharam dos seus papeis pelo que foram constantemente aplaudidas.

Entre os auxiliares daquela ilustre professora merece especial referência o exímio ensaiador e regente da orquestra, sr. Albano Ferreira da Cruz.

O produto era destinado à caixa escolar das mesmas escolas.

C.

Vagos, 23

Em Sôza finou-se no último sábado, com 57 anos, a sr.ª D. Joana Moreira Victor, que no dia seguinte teve um funeral largamente concorrido.

A extinta era esposa do sr. Manuel Victor, secretário de Finanças, aposentado; mãe do sr. dr. Manuel dos Santos Victor, delegado do P. da República em Odemira, e cunhada do nosso amigo António dos Santos Victor, escrivão de Direito na comarca de Aveiro.

Aos doridos o nosso cartão de condolências.

—Foi aqui deveras sentida, pelas pessoas que o conheciam, a morte, no Bonsucesso, do sr. Amândio Ribeiro da Rocha, activo industrial de padaria, e sogro do sr. Manuel Estudante, professor oficial.

— Para que serviram os trabalhos que a Junta de Freguesia mandou fazer no Largo do Espírito Santo? Foi para embelezar o local ou para criar mais erva?

Porque se não faz demolir o valado de louros e canas que existe junto à estrada? Olhem que, pela certa, ficava mais lindo.

C.

Quintans, 23

Do encontro no campo da Floresta entre o *União Desportiva*, desta localidade, e o *Vale de Ilhavo Foot-Ball Club*, resultou ter o marcador acusado, no final, 4-1 a favor do primeiro.

A concorrência foi numerosa.

—Em companhia de sua esposa e sogros esteve cá, com curta demora, o nosso conterrâneo e amigo Arnaldo Lopes Neto, empregado de Finanças em Castelo de Paiva.

C.

Esgueira, 23

Com a mudança da hora a iluminação pública, que se apagava à meia noite, passou a apagar-se às 23.

Não está certo visto Esgueira estar a dois passos de Aveiro e já ser considerada uma freguesia da cidade.

A quem compete pedimos providências.

—Efectuaram, no último sábado, o seu casamento, a menina Rosa Marques Vieira, filha do sr. Marques Pêgo, do próximo lugar de Mataduços, com o sr. José Maria Morais, residente na capital, tendo servido de padrinhos o sr. António Gomes Gautier, industrial de panificação em Setubal, e esposa.

Muitas felicidades.

—Tem obtido algumas melhoras, o que registamos com satisfação, o activo comerciante sr. Manuel Fernandes da Silva.

Oxalá que o seu restabelecimento se não faça esperar.

—Fazem anos: àmanhã, o sr. José Gonçalves, e no domingo a esposa do nosso amigo Fernando Betencourt, 2.º sargento de Infantaria 10.

Parabens.

C.

O TEMPO

Depois de alguns dias lindos, dos tais que, às vezes, nos levam a elogiar o Outono, veio outra vez novamente a chuva, por sinal bastante fria, quási gelada, como é próprio da época, do mês, da altura em que vai o ano.

Se alguém tinha saudades dela e a desejava, nós não. Preferimos o sol, a claridade, o desanuviamento celestial. Porque só isso trás alegria e dá à Natureza exuberantes motivos de pujança, tornando-a fecunda.

Ver a 4.ª página

Comárca de Aveiro

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Pela 1.ª secção da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, e nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra o executado António Rodrigues Barbosa, solteiro, trabalhador, morador em Penalva, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação do presente, citando os crèdores desconhecidos do executado, para no praso de 10 dias, findo o dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos, nos termos do artigo 865 do Código do Processo Civil.

Aveiro, 2 de Novembro de 1939.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo